

Mote: «Que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs...»

A Vida na Estreita Faixa – passado e presente

Hilary Owen

Universidade de Manchester

Que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs... pois honra de homem-marido se situa ainda em seu pénis e nossa vagina à qual eles têm direito de dono e sobre mulher direitos de morte a fim de vingar macho-enganado por adultério que, se possível, se lapida, se assassina, se elimina em plena justiça, com a concordância, a aprovação de toda uma sociedade conivente

“Adultério: infidelidade conjugal, Dicionário de Língua Portuguesa”, *Novas Cartas Portuguesas*

Este mote é já, de facto, uma meditação que as próprias Três Marias escreveram em relação a outro mote, nomeadamente o Código Penal Português de 1886, que ainda estava em vigor em 1972 para crimes de adultério, e só foi substituído em 1982 (Amaral 2010: 400). O mote

é, aliás, o único momento em que as Três Marias citam directamente a Lei Portuguesa, a fim de a desconstruir palavra por palavra, artigo por artigo, e assim delapidar, por seu turno, o corpo moribundo da legislação do Estado Novo, desvelando a diferenciação sexual escondida na neutralidade falsa da expressão “infidelidade conjugal”.

O glosar de motes e epígrafes é uma das técnicas retóricas às quais as Três Marias recorrem com mais frequência nas *Novas Cartas*, assim reduzindo a importância relativa da “fonte” original (*Lettres Portugaises*), já que tantos outros textos se vêm invocados desta maneira. Neste caso, as autoras citam o Artigo 372 do Código Penal Português, que estipulava que o marido que matasse, fosse a sua mulher, fosse um homem apanhado em adultério com ela, ou matasse ambos, “ser[ia] desterrado para fora da comarca por seis meses” (Barreno/Horta/Costa 2010: 251) – única punição pelo que era considerado defesa legítima da sua honra. Em contrapartida, à mulher vítima de marido adúltero, só lhe era permitida uma defesa análoga da sua honra, ou seja, “a vingança por direito e justiça”, se ela fosse enganada na sua própria casa por concubina nela “teúda e manteúda” (*ibidem*).

Para as Três Marias, glosar esta citação directa do Código Penal (que remontava, aliás, à época queirosiana), era o mesmo que dizer:

Honra de homem-marido se situa ainda em seu pénis e nossa vagina à qual eles têm direito de dono e sobre mulher direitos de morte a fim de vingar macho-enganado por adultério que, se possível, se lapida, se assassina, se elimina em plena justiça, com a concordância, a aprovação de toda uma sociedade conivente. (*ibidem*)

A referência retórica à estreita faixa, quando as Três Marias afirmam “que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs....” não, é por sinal, uma pergunta, é uma declaração, embora de teor inacabado e ambivalente, observação a que voltarei no final desta intervenção. Quero começar por destrinçar as várias hipóteses para a interpretação da expressão “estreita faixa”.

A “estreita faixa” poderia ser, de facto, e entre muitas possibilidades, uma faixa temporal e histórica, uma faixa temporal necessariamente muito estreita, porque os tempos

vão mudando mas a idealização do feminino “dito eterno” permanece, tal como o corpo da mulher continua desligado da história e os seus problemas subsistem.

A “estreita faixa” pode também referir-se a uma “faixa geográfica/geopolítica”, a conquista do espaço no sentido de referir (profeticamente?) a eclosão incipiente do feminismo global e a solidariedade daquela época, embora vislumbrada ainda de muito longe no Portugal de 1972. Neste sentido, este passo, premonitório, faz apelo a uma intervenção muito directa nas questões de “direitos humanos” no feminino (um outro falso neutro a ser desconstruído), sendo do mesmo teor que o texto que o precede nas *Novas Cartas*, e que reclama o direito ao aborto, ao mesmo tempo que denuncia o apedrejamento de mulheres adúlteras na Arábia Saudita dos anos 70. No contexto dos anos 70, infelizmente ainda pertinente (que estreita faixa separa o século XXI, das três Marias, afinal...?) este passo tinha a proposta óbvia de integrar a experiência específica da opressão machista/fascista em Portugal, no discurso mais internacionalizado e universal de direitos humanos, da Amnistia Internacional e do feminismo global, estrategicamente convidando comparações polémicas entre o Islão da Arábia Saudita e o Catolicismo da Península Ibérica, realçando aqui as influências sincréticas do Islão.

Existe, porém, mais uma interpretação da “estreita faixa” que tem a ver com o seu sentido corpóreo e/ou epistemológico. E esta interpretação remete-nos para os debates mais propriamente epistemológicos da exegese crítica e feminista. A crítica lésbica Mary S. Gossy dedicou vários estudos provocadores e profundos à literatura medieval e renascentista de Espanha, fazendo referência ao simbolismo do hímen (órgão que, de resto, as Três Marias nunca referem directamente nesta carta, nem, por sinal, em nenhuma outra das *Novas Cartas*). Em *The Untold Story. Women, Theory and the Golden Age* (1989), Gossy observa a ausência eloquente do hímen, numa lista de recuperações políticas dos órgãos femininos, realizadas por Monique Wittig em *Le Corps Lesbien* (1973). E vai comparando esta ausência sintomática com o processo de re-costurar e reconstruir o hímen que é a profissão principal da heroína da famosa obra fundadora do teatro espanhol, *La Celestina*, obra pela qual se popularizou *Tragicomedia de Calisto e Melibea*, atribuída a Fernando Rojas

(e cuja composição remonta aos finais do século XV/inícios do século XVI). Para Gossy, ao longo da história e da literatura secular

[t]he hymen is fictionalized and made to tell the story of the phallus marking woman as object; stories of marriage/copulation or virginity, or both; but never neither – that is, never the story of the hymen indifferent to the phallus. (Gossy 1989: 49)

Simultaneamente, na filosofia pós-estruturalista, como é sobejamente conhecido, a importância do hímen tem outro significado, também ele pertinente para o nosso projecto exegético. Como diz Mary Gossy, opondo-se à apropriação do hímen pela crítica derridiana, como o espaço “entre” ou “in-between”:

Metaphorically a hymen in a vagina ‘carries all the force of the operation of phallic analysis’ in the way that the alternatives that Derrida suggests [“marriage” or “crime” or “identity” or “difference”] do not. Both meanings of hymen are constructs controlled by patriarchy that objectify women. (*idem*: 47-8)

É de recordar neste contexto que a inspiração original das *Novas Cartas*, o seu “mote” temático, por assim dizer, é a história de uma freira, Soror Mariana Alcoforado, noiva de Cristo, note-se, que perde a virgindade no convento e, assim o fazendo, trai o próprio Deus. Neste sentido, trata-se de uma história de perda e de abertura que ficou gravada, marcada e evidenciada historicamente, precisamente no hímen da Mariana, hímen este que nunca foi tecido ou re-costurado no sentido literal (como na profissão da Celestina de Fernando Rojas) mas só no sentido textual de as *Novas Cartas recosturarem* as *Lettres Portugaises*, embora, desta vez, sem a clausura fálica da Lei. E é no contar desta história do hímen de Mariana, que recusa qualquer fechamento fálico e punitivo (o Código Penal), que testemunhamos o poder da força crítica das Três Marias. Neste sentido, *Novas Cartas* propõe uma série vertiginosa de repetições e ensaios desta história desde todas as perspectivas possíveis em relação ao hímen: a virgindade, o casamento, a copulação, o amor livre, e o parto, ao longo dos séculos, assim demonstrando quantas são as vozes e línguas que o hímen escondido e silenciado pode, afinal, falar.

Mais excepcional se torna este passo sobre o Código Penal por ser o único caso em

que as Três Marias confrontam explicitamente a Lei do Estado. Este momento abissal da lei patriarcal legitimando (domesticando e banalizando) o assassinio da Mulher (muitas vezes por razões inventadas) permite-nos vislumbrar um outro sentido infra-textual e subterrâneo, “da estreita faixa” do hímen, que não só separa, mas também nos liga (ainda) às Três Marias, por captar uma instância crítica de abertura que não se fecha, que não exclui. Com este gesto, as autoras não nos permitem esquecer que a palavra da Lei, por muito que se desconstrua, continua a reger a inserção, e por vezes a própria sobrevivência, da corporeidade feminina no tecido social. Falando da necessidade quase compulsiva e fállica de preencher vazios num texto, cito Mary S. Gossy mais uma vez:

As readers we have been taught or acculturated to treat gaps in narrative as fetishized feminine objects – that is, as holes in the texts, defects that must be filled in with “acts of ideation”(…). A way to read gaps that does not participate in this economy could be to let them mean in their (apparent) emptiness, to elicit meaning from the details surrounding the gap rather than to inscribe or to decide it. (Gossy 2009: 25)

É de notar que as Três Marias, quando exclamam “que estreita faixa nos separa de Mariana, irmãs...” seguem esta afirmação, acrescentando-lhe pontos de suspensão. Uma elipse (ou paralipse?) altamente significativa, o lugar do hímen – aqui reunindo as mulheres fora do patriarcado, por enfatizar uma lacuna, repetida e orgulhosa, que, ao longo de todas as cartas das *Novas Cartas*, não se deixa preencher.

Bibliografia

Amaral, Ana Luísa (org.) (2010), “Notas intertextuais e outras”, *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (2010), Edição Anotada, Org. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Dom Quixote, 309-415.

Barreno, Maria Isabel /Maria Teresa Horta/Maria Velho da Costa (2010), *Novas Cartas Portuguesas*, Edição Anotada. Org. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Dom Quixote.

Gossy, Mary S. (1989), *The Untold Story. Women and Theory in Golden Age Texts*, Michigan, University of Michigan Press.

-- (2009), *Empire on the Verge of a Nervous Breakdown*, Liverpool, Liverpool University Press.

Wittig, Monique (1973), *Le Corps Lesbien*, Paris, Les Éditions de Minuit.

Hilary Owen é Professora Investigadora em Estudos Portugueses na Universidade de Oxford e Professora Emérita em Estudos Portugueses e Luso-Africanos da Universidade de Manchester. A sua pesquisa centra-se nas escritoras portuguesas e lusófonas e na teoria feminista, assim como no pós-colonialismo e cinema contemporâneo português e lusófono. É autora de numerosos ensaios e livros académicos, entre os quais *Portuguese Women's Writing, 1972-1986: Reincarnations of a Revolution* (Edwin Mellen, 2000), *Mother Africa, Father Marx: Women's Writing of Mozambique 1948-2002* (Bucknell, 2007); com Cláudia Pazos Alonso, *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing* (Bucknell, 2010) e, com Anna M. Klobucka, *Gender, Empire and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (Palgrave Macmillan, 2014).